

Da psicanálise à poesia e vice-verso¹

Rosália Milsztajn², Rio de Janeiro

RESUMO: Esse ensaio foi suscitado pelo convite que me foi feito pelo Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA) de falar um pouco de Psicanálise e Poesia, duas áreas que me são familiares - como a psicanalista que sou e a poeta que me tornei. Desejo acrescentar que durante minha conferência, *online*, por motivos da impossibilidade presencial, surgiram algumas questões relativas à minha atividade poética, o seu surgimento, meu processo criativo e outras mais perguntas que aqui e agora procurarei descrever num relato mais livre, isto é, desnudando minha subjetividade no sentido dos leitores se aproximarem do meu fazer poético. Mas que antes, tecerei algumas considerações teóricas sobre a psicanálise e sua arte e a arte literária em si mesma.

PALAVRAS-CHAVE: criação, ficção, literatura, poesia, psicanálise.

A - Freud e os poetas

Freud sempre louvou aos poetas, como podemos constatar quando percorremos a sua obra. Colocou-os até mais à frente da psicanálise no sentido de eles serem, por muitas vezes, aqueles que revelavam os mistérios mais íntimos da alma humana e que só muito depois, seus escritos seriam reconhecidos pelos estudiosos e pesquisadores da alma humana, assim como ele fez ao longo de sua vida. Tentou destrinchar os mistérios da criação artística e de seus autores, ora usando do método psicanalítico para analisar o criador e justificar a sua obra, como fez com Leonardo da

1. Artigo inspirado na Conferência proferida no Núcleo Psicanalítico de Aracaju em 16 de dezembro de 2021.

2. Escritora, poeta, contista, médica psiquiatra, psicanalista.

Vinci, ora mantendo o mistério da criação e o seu criador, com seu espírito científico e de gênio, deixando em aberto o miolo da cebola e simplesmente apreciando, colecionando obras, poemas, usando-as em citações, e sempre com louvação aos artistas. Deixa o campo livre, no seu próprio passo, às suas descobertas, como também fez em relação às religiões, à medicina, ao cientificismo, criando algo totalmente inédito, - a Psicanálise.

Portanto, minha sensibilidade também se direcionou para esse caminho de analisar essas duas áreas do conhecimento das quais em minha própria pessoa se desenvolvem, eu como poeta e psicanalista tentando estabelecer ligações, elos, semelhanças, mas confesso que foi muito difícil encontrá-los no sentido de torná-los similares, - a criação psicanalítica e a criação poética -, assim como a psicanálise e a arte. Começo nessa empreitada, do meu pequeno esforço de aproximação, para depois caminhar por essas duas vias que tenho o privilégio de experimentar.

B - Arte e literatura

Quando comecei a escrever literatura, isto é, - poesia e contos - comecei a me interessar pela possibilidade de pensar a criação poética, literária e artística não somente sob a luz dos conceitos que Freud desenvolveu. Em um de seus artigos, como por exemplo, “Escritores criativos e o devaneio”, onde aborda o “como se”, e onde compara o jogo, o brincar da criança, com o fazer do poeta e do artista, muito já me fizera pensar sobre a criação. A partir das novas perspectivas abertas pelo meu fazer poético e alguns estudos da literatura, foi possível encontrar certa complementaridade entre a psicanálise e a teoria literária quando aponta, um mesmo jogo de “como se”, como constituinte do fazer ficcional, a imaginação, as práticas de fingimento para forjar uma realidade ficcional, que é da ordem do verdadeiro, isto é, a verdade do humano, da nossa dimensão antropológica; questões que se entrecruzam na ficção literária, assim como o brincar da criança encena tanto o seu mais profundo psiquismo quanto nos informa sobre a necessidade humana do emprego do fingimento.

No mundo do como se, vive-se uma experiência de alteridade, ao sair da própria realidade e entrar, estética e imaginariamente, no mundo do outro. Fingir não é mentir, fingir é modelar, criar é o brincar da criança no seu jogo criativo. O fingimento passa a ser uma necessidade e uma capacidade que nos torna humanos. Antes, ficção e realidade eram consideradas discursos opostos com outras áreas do saber. A ficção estava associada ao engano, à mentira e ao embuste. Hoje as fronteiras encontram-se cada vez mais inexistentes.

Pela ocorrência da presentificação de inúmeros e insuspeitos aspectos do sujeito, antes impensáveis, a ficção, tanto para o autor como para o leitor, ensejam o exercício de novos papéis a que os indivíduos se entregam, num processo de auto-irrealização, pois que as marcas de sua identidade diária são temporariamente suspensas, ocorrendo uma espécie de desestruturação fingida para o surgimento de novas formas de auto-referência, novas possibilidades de ser e de não-ser; uma encenação de alteridade que deve ser entendida como a encenação de tudo o que o homem não é na ilusão de seus papéis cotidianos.

Daí ser possível afirmar que a literatura, como a arte, privilegiam o vir a ser, a emergência de outro que continuamente está por tornar-se e, no caso específico do discurso ficcional, a literatura se torna signo de algo irreconciliável por sua própria natureza: o ser e o não ser, oferecendo ao sujeito a possibilidade de pensar-se na multiplicidade, pela desconstrução dos modelos socialmente estabelecidos que corroborem certa realidade e identidade subjetiva. Existimos na impossibilidade de presentificarmos a nós mesmos. A encenação, a ficção, o jogo da criança e na transferência psicanalítica nos aproximamos um pouco mais da insuperável distância entre ser e possuir a si mesmo. Neste sentido vemos a função emancipadora da literatura, pelo fato dela poder questionar os conceitos de subjetividade e de referencialidade.

Desestabilizando modelos de compreensão, promovendo a encenação da alteridade, a ficção literária marca-se na especificidade de sua função e exige, por exemplo, do leitor, uma nova compreensão do mundo.

Portanto, a arte não representa o mundo, mas o apresenta, e segundo Klee, o artista é o elo entre o ser interior e o mundo que o envolve. Klee, a respeito da arte, ainda acrescenta: “não é apenas questão de reproduzir o que se vê, mas sim, de tornar visível tudo o que se percebe secretamente”.

A literatura ativa o imaginário, como também propicia um aprendizado tanto cognitivo quanto afetivo. No mundo do “como se”, vive-se uma experiência de alteridade, ao sair da própria realidade e entrar estética e imaginariamente no mundo do outro.

Na psicanálise, o que é criado no sonho, por exemplo, no brincar da criança, no jogo do *como se*, produções que se nutrem dos desejos infantis inconscientes insatisfeitos e que estão sempre em busca de realização e prazer.

Na literatura, o texto ficcional é também uma tentativa de realização de desejos insatisfeitos inconscientes, mas que não se limita a essa satisfação através dessa criação, através do texto. A ficção - vale frisar - possibilita ao homem outras alteridades, não exatamente o que ele é e o que deseja, mas o que ele pode vir a tornar-se. No texto, o ficcional está ali e apresenta uma rede de possibilidades e de construções de formas de ser, isto é, a literatura é devir, é o outro, que pode ser sempre inventado de si mesmo. É a vida nas suas várias manifestações e possibilidades, e não um inconsciente na busca de realização de desejos inconscientes ou pronto a repetir ou a não repetir o que poderia ter sido e não foi. E que busca constantemente e *ad eternum* satisfação para o sujeito baseado neste ser com desejos e sempre impossíveis de serem satisfeitos na sua totalidade ou só oniricamente poderia satisfazê-los, talvez.

Na literatura, o homem é e pode vir a ser vários, e nessa busca, nessa construção de si mesmo através da invenção, ele encontra a si e aos outros a qualquer tempo. No processo psicanalítico, a busca de si também ocorre, mas de forma diferente e em outra temporalidade, num processo de criação de si mesmo, mas não de invenção. O sujeito já está ali e o trabalho é como o do escultor - retirar o excesso do mármore que encobre a escultura que já está lá. No jogo literário, no jogo da arte, no jogo da encenação,

os papéis não são fixos. Existem várias possibilidades de tornar-se, várias apresentações e identificações que a arte propicia não só dependente do que aconteceu com a pessoa, seus traumas passados. O futuro é imprevisível e infinito. O sujeito não está lá ainda. Ele vai tornando-se através da invenção de si. O mundo, os outros, as experiências ao longo da vida são sua matéria sempre a ponto de ser moldada, remodelada, encharcada no seu viver, no seu acaso, no seu não saber.

O problema não é ser ou não ser. O processo é ser e não ser, e nesse interstício do jogo, nesse vácuo, nesse espaço entre ser e não ser, é que se é, inventando-se, tornando-se presente.

Se a psicanálise, em sua teoria, pudesse ver a si mesma como uma ficção, como a literatura faz, evitando o discurso da procura da verdade última dos traumas e das pulsões de vida e de morte, talvez sua reinvenção pudesse ocorrer de forma mais expansiva, suas outras possíveis narrativas pudessem fazer com que ela se renovasse no jogo da clínica, que é fazer da transferência o auge criativo de seu processo e nessa revelação redescobrir a multiplicidade da alma humana como fez o seu criador, Freud.

C- O artista

Afora o conceito de o artista ser um deus, criador, pai de si mesmo relativo ao assassinato, relativo à constelação do complexo edipiano, - um Deus pai que fica à mercê com todas as implicações da culpa e da moral -, o artista cria a arte e a arte cria o próprio artista. A arte é o duplo narcísico que busca a imortalidade. Mas esse duplo criado não é a repetição do igual e sim a criação da diferença que fascina ao mundo ou até espanta, ao mesmo tempo em que pode criar a estranheza por colocar no jogo, mesmo disfarçado, o pensamento onipotente, o animismo primitivo do homem que havia sido reprimido.

As aptidões para a atividade artística e os dons estão relacionadas com o destino das pulsões, uma tendência especial para o recalçamento e a capacidade de sublimação. Alguns autores colocam que a atividade

artística esteja mais ligada a um problema econômico, isto é, a um fator quantitativo - a quantidade de libido não empregada e a fração que a pessoa conseguiria desviar da vida sexual para a sublimação. Esta sublimação se deve à mudança das vias de descarga, a substituição de um objeto de investimento por outro, o reforço de uma pulsão por outra, em vista de um trabalho comum. O dom e o sublime seriam um jogo de forças múltiplas.

A psicanálise não tem a possibilidade teórica de enunciar uma estética. Está fora de seu alcance. Somente a busca da subjetividade é a sua arte. Que é sua grande obra! Essa arte da psicanálise não é da mesma ordem presente nos processos de produção artística, como nos campos da literatura, artes plásticas, teatro, cinema e da música. Na psicanálise, sua pertinência se faz sentir no campo da criatividade, na criação de subjetividades como produção efetiva do psiquismo e para isso se funda nos conceitos metapsicológicos de inconsciente e de pulsão.

Sobre a sublimação, existem duas teorias freudianas diferentes: ligada à primeira tópica, onde sublimar seria dessexualizar o erótico e na segunda tópica, sublimar não se oporia a erotizar. O sexual se transmutaria em não sexual na primeira, às custas do recalque, e a pulsão erótica se transformaria na produção do espírito. E na segunda, a sexualidade perversa polimorfa se transformaria numa produção do espírito. Não há mais o recalcar, como observou em Leonardo as Vinci.

D - Surgimento da Poesia

Tenho duas certezas. A primeira é que minha análise pessoal esculpiu, isto é, retirou toda pedra encobridora de minha identidade, que havia sido escondida por detrás de meus traumas infantis e conflitos familiares. E a segunda certeza e de forma misteriosa, havia desde sempre em mim, um talento artístico que precisou ser significado, moldado e reconhecido para existir.

Gostaria de salientar que sempre houve um enriquecimento da arte e da psicanálise em minha vida, apesar da minha poesia não ter modificado

necessariamente minha atividade psicanalítica, isto é, no consultório com meus pacientes. Muito ao contrário, a distância foi se estabelecendo entre essas duas atividades, isto é, a poeta e a psicanalista. Houve sim, uma expansão do meu desenvolvimento pessoal já conseguido muito através da psicanálise, mas que com minha atividade literária, o coletivo, os outros, meus leitores, o livro publicado, o contato em saraus, publicações de meus poemas em vários meios de comunicação, abriram outras perspectivas e possibilidades de ser.

E - Deixo aqui alguns poemas:

Dom

Generosamente

Fui tocada

Pelo dedo do dom

Doravante essa dádiva

Faz toda a diferença

Nasceram botões nos meus joelhos

Interruptores nas axilas

Que ligam e desligam

O som do silêncio

A cor da cor

O instante da hora

E nas minhas costas

Um enorme amplificador de rimas

Doravante

Sou acaso de caso com a coisa

Um longo circuito

De ritmos e flores

Como dizer

*Como dizer que é noite
se dentro de mim é dia
como dizer do frio
se dentro de mim é fogo
como dizer não sei
se dentro de mim eu sei
como dizer de ti
se dentro de mim sou eu*

Quero escrever

*Quero escrever tudo o que não escrevi
devolver ao mundo o que absorvi e não dei nomes
quero esculpir meu espírito cego envolto em véus
reconstruí-lo sem desculpas cristalino*

*quero inserir letras nesse mísero caos
decifrar os mistérios disformes
tê-los como numa tela à minha frente
refletir o meu sentido e a minha essência*

*quero acalentar os sonhos mais doces das noites
inscrever-me no esplendor dos dias
flertar com todo o amor e seus apelos
acariciar todas as peles e seus desejos*

*para que nunca mais eu esqueça
que eu vim a este mundo
para ser feliz*

O amor cobra

O amor cobra o que não se pode e não se tem

*Arreganha as entranhas
Lacera o cerne do ser*

*Que amor é esse que não pode amar
Porque só em par o amor se faz
E sem plenitude o amor é plano
Voa sem rumo ao vento
Em vão*

Chicharra

*A cigarra diz sim em espanhol
Sí si sí neste fim de tarde
Sem cessar sem cessar
Sem pensar no amanhã
Insiste e persiste
Sí si sí
Sem dizer não
E por não mais poder
Ceder e conceder
De tanto não dizer não
De tanto cantar
Estoura a cigarra de prazer
Ah!
Mas se ela não cantasse neste fim de tarde
O mundo seria mais triste
Sí si sí
Seria mais triste*

FROM PSYCHOANALYSIS TO POETRY AND VICE VERSE

ABSTRACT: This essay was prompted by the invitation made to me by the Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA) to talk a little about Psychoanalysis and Poetry, two areas that are familiar to me - as the psychoanalyst I am and the poet I have become. I would like to add that during my online conference, due to the impossibility of being present, some questions arose regarding my poetic activity, its emergence, my creative process and other questions that here and now I will try to describe in a freer account, that is, laying bare my subjectivity in the sense that readers approach my poetic work. But before that, I will make some theoretical considerations about psychoanalysis and its art and the literary art itself.

KEYWORDS: creation, fiction, literature, poetry, psychoanalysis.

DEL PSICOANÁLISIS A LA POESÍA Y EL VICEVERSO

RESUMEN: Este ensayo fue motivado por la invitación que me hizo el Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA) para hablar un poco sobre el Psicoanálisis y la Poesía, dos áreas que me son familiares, como el psicoanalista que soy y el poeta en el que me he convertido. Me gustaría agregar que durante mi conferencia en línea, debido a la imposibilidad de estar presente, surgieron algunas preguntas sobre mi actividad poética, su surgimiento, mi proceso creativo y otras preguntas que aquí y ahora intentaré describir en un relato más libre, es decir, desnudar mi subjetividad en el sentido de que los lectores se acercan a mi obra poética. Pero antes haré algunas consideraciones teóricas sobre el psicoanálisis y su arte y el arte literario mismo.

PALABRAS CLAVE: creación, ficción, literatura, poesía, psicoanálisis.

REFERÊNCIAS

Birman, J. *Fantasiando sobre a sublime ação*. In: *Arte e Psicanálise e Estéticas de Subjetivação* Giovanna Bartucci (org), p.89-130. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

Costa Lima, L. *Mimesis e modernidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

_____. *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

Freud, S. *Escritores criativos e o devaneio*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

Iser, W. *O ficção e o imaginário*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

_____. *Os atos de fingir ou o que é ficção no texto ficcional*. In: COSTA LIMA, L.(org). *Teoria da literatura em suas fontes*, vol.I I, p.384-416. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

Kofman, S. *A Arte na economia da vida*. In: *A infância da arte*. Rio de Janeiro: Dumará Distribuidora de publicações LTDA, 1995.

Milsztajn, R. *A Arte de tornar-se*. In: *Departamento de Letras. Monografia: Programa de pós-graduação*. Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2007.

_____. *Dom*. In: *Aqui dentro de mim*. p.109. Rio de Janeiro: AEROPLANO, 2003.

_____. *Como dizer*. In: *Esse recorte*. p.17. Rio de Janeiro: PATUÁ, 2014.

- _____. Quero escrever. In: *Esse recorte*. p.49. Rio de Janeiro: PATUÁ, 2018.
_____. O amor cobra. In: *Puro cristal*. p.23. Rio de Janeiro: 7 LETRAS, 2021.
_____. Chicharra. In: *Puro cristal*. p.81. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2021.

rosaliamilisztajn@gmail.com